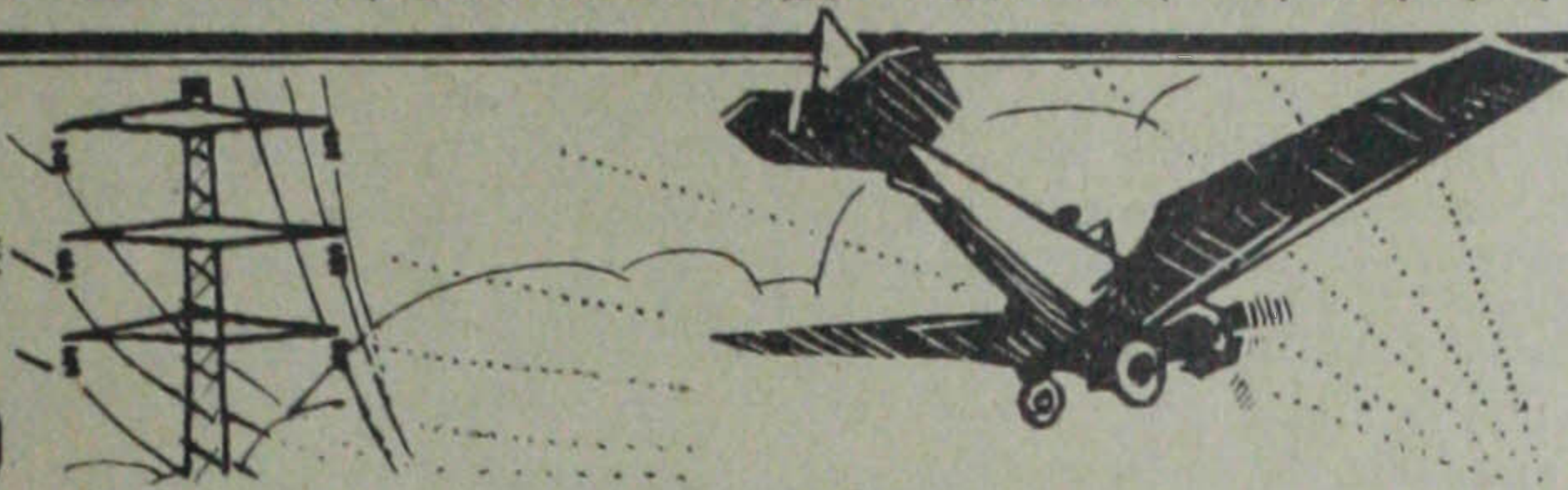


O AMIGO DO LAR

Edição mensal dos Serviços de Propaganda das
COMPANHIAS REUNIDAS GAZ E ELECTRICIDADE



MULHERES DE HON-
TEM E DE HOJE



O CRÉDITO



UMA LIÇÃO

Já viu, minha querida «miss», o que dizem os jornais ingleses com relação às suas compatriotas?

Ela considerou-me por uns momentos e respondeu:

— Sim; já vi. E não creia que haja exagero nas suas informações. Dentro em pouco, na Gran-Bretanha, haverá, efectivamente, mais homens do que mulheres.

Coei a cabeça.

— Diacho! Essa notícia deve tranquilizar, sem duvida, os pais ingleses, mas quantas apreensões, quanta tristeza provocará no espirito dos outros!

A minha amiga teve um sorriso de satisfação.

— Ouça, meu caro! Os senhores riam-se daquelas «misses» que tanto deram que fazer aos humoristas das cinco partes do mundo com as suas inquietas jornadas ao longo das velhas ruas londrinas. Os senhores não poderiam compreendê-las, porque essas idealistas ridiculas, como lhes chamavam, só poderiam revelar-se num país individualista como o meu e, portanto, com uma ambiência própria. Mas agora, perante factos que o espirito crítico dos senhores classificava de utopias, essas ardentes sufragistas, de rosto anguloso e magro, nariz adunco e olhos fusilando por detraz de óculos negros, surgem-lhes como iluminadas, isto é, como pessoas que souberam dar á vida uma finalidade prática, útil, elevada e nobre. E a agitação das velhas «misses» aparece-lhes, finalmente, como manifestação duma vontade admirável, impelida por uma ideia profundamente generosa. Não será assim, meu caro amigo?

Fiquei entalado. Como poderia eu refutar estas considerações se, na verdade, todos nós vemos que a essas esqueléticas creaturas tantas mulheres devem a circumstancia de lhes terem sido já reconhecidos direitos que lhes permitem, com a sua admissão em logares que até aqui só desempenhavam homens, colaborar em quasi todos os ramos de actividade, que o mesmo é que contribuir para o desenvolvimento e progresso dos respectivos países? Em todo o caso, arrisquei:

— Sim. Em Portugal, as estatísticas não apresentam um quadro consolador como as da Inglaterra. Há mais mulheres que homens. E eu admito que, atendendo á carencia de princípios de cabelo encaracolado e loiro e ás dificuldades da vida de hoje, a mulher escolha uma profissão que possa preservá-la da miséria. Mas, francamente, preferia vê-la na sua casa, concertando alegremente as meias do marido e dos filhos, fazendo o seu bordado á janela, atenta ao devanear do amado canário, cuidando da hygiene do lar, educando, corrigindo, iluminando. Para mim, a mulher é mais encantadora na casa do que na

O crédito é a expressão da confiança. É tanto mais fácil e expontâneo quanto maior é a reputação da pessoa que dele se aproveita. Recusar um crédito é não ter fé em quem o solicita. Concedê-lo é crer que elle será pago. O crédito, portanto, longe de constituir uma deshonra ou uma vergonha, representa uma prova que deve satisfazer aquele que a recebe.

A aquisição de objectos de primeira necessidade e o pagamento destes objectos em prestações a prazos regulares constitue a forma de crédito mais moderna.

Em outro tempo, para se comprar ou mandar edificar uma casa, levava-se, em regra, três quartas partes da existência a amealhar o dinheiro necessário. Hoje, compra-se ou manda-se construir um prédio para o habitar por longos anos e não para nele entrar no último quartel da vida. E como se realiza este milagre? Recorrendo ao crédito. Pagando directamente uma parte, maior ou menor, das respectivas despesas e amortizando o resto em pagamentos a determinados prazos.

Mas este sistema de pagamento não se limita ás casas de habitação. Seria um campo de expansão muito restricto. Estende-se a tudo o que a técnica moderna, o comércio e a indústria, a ciência e a arte, a natureza e o homem, vêm pondo á nossa disposição para melhor aproveitamento e valorização da vida. Os automóveis mais luxuosos, as instalações eléctricas mais completas, os aparelhos para applicações de electricidade ou de gás, hoje usados em todos os lares que têm na hygiene e no conforto os principais motivos do que se chama a alegria de viver, o mobiliário de mais requintado gosto, o interior de casa mais sumptuoso, ou apenas a comesinha máquina de costura ou de escrever, o fonógrafo, o vestuário, etc., são coisas que hoje podem ser adquiridas a crédito.

E porque tantas facilidades? A resposta é fácil e só a ela não responde quem vive fora da época, fora, por assim dizer, do espaço e do tempo. Aqueles que têm olhos para ver, com desanuviado critério, a luta formidável que, ao mando imperioso da Vida, se vem desenvolvendo em todos os sectores da actividade humana, compreendem bem o impulso que a venda a crédito dá ao mundo dos negócios, por isso que, aumentando a produção, diminuem, consequentemente, o preço do custo.

Pelo sistema de compra a prestações, pode o indivíduo ter exigências de maior vulto. Efectivamente, nós já não nos contentamos com a simplicidade das gerações que nos precederam. Temos outras aspirações. E, da applicação do método a que vimos aludindo, resulta o podermos rodear-nos do conforto em que temos o direito de viver.

Durante muito tempo, esse conforto foi sinónimo de inútil ostentação e de pernicioso frivolidade. Os tempos, porém, mudaram e o nosso critério a este respeito modificou-se também. O que os nossos avós consideraram, por longos anos, como uma coisa supérflua, quasi como um produto da vaidade, aparece-nos agora como a resultante de uma nova orientação adentro do campo do progresso e da mais rigorosa lógica — como uma necessidade.

Se é certo que o crédito teve a sua origem nos tempos mais afastados, não é menos certo que elle se tem consideravelmente desenvolvido através dos séculos. Sobretudo nestes últimos 50 anos, elle tomou tais proporções que não é exagero considerá-lo como um factor económico em absoluto indispensável.

Os Bancos, que, graças aos seus capitais, podem auxiliar e conduzir a bom fim as mais notáveis emprêsas, são os primeiros a bene-

Era uma vez um rei que conseguiu revoltar contra si todo o seu povo. Dificilmente se encontrará na historia um rei tão tirano como aquele. Só porque a sua unica filha, a princesa Helena, foi encontrada, certo dia, num recanto dos jardins do seu palacio, a conversar com um dos mais famosos e jovens heróis daquela nação, mandou o monarca que ela fôsse encerrada, durante um mês, no seu quarto e que o infeliz rapaz fosse chibatado em plena praça publica. Deu-se, até, no momento da execução desta ordem, uma cena que certamente daria numa revolta violenta se os soldados que assistiam ao acto não carregassem sobre o povo com uma furia em tudo digna do seu despresível soberano. Foi o caso que, quando o verdugo se aproximava do herol para cumprir a determinação real, uma velha se ergueu, entre os assistentes, a toda a altura da sua indignação, e proferiu, contra o rei, as mais terríveis ameaças. Valeu-lhe este arranco o ser chamada, nesse mesmo dia, á presença do monarca, que, ao vê-la, correu imediatamente para ela e, á vista dos cortesãos, a esbofeteou com tanta sanha que a desgraçada mulher perdeu os sentidos e caiu pesadamente no chão. O soberano esperou que ela voltasse a si e perguntou-lhe, cerrando os dentes de colera:

— Velha! Porque me insultaste?

A injuriada ergueu-se. Tinha no rosto, bem vincados, os dedos do miseravel.

— Porque me insultaste? — repetiu elle, cada vez mais furioso.

Então a velhinha passou os olhos pela assistencia e, por fim, fixando o monarca, disse, com uma dignidade admiravel:

— Rei! Não ha em todo o mundo um homem mais detestado que tu. Os proprios que habitam no teu palacio e te louvam esperam simplesmente o momento em que possam vingar, em ti, as victimas que tens feito.

Os cortesãos protestaram. E a velha continuou, sempre digna:

— Já alguma vez, oh rei, tiveste a suprema consolação de te ver ovacionado por um povo feliz e reconhecido? Nunca! O que tu sentes, por toda a parte, é o asco, que ainda é peor que o odio.

— Corta-lhe a cabeça! — bradou o rei, dirigindo-se a um negro, que assistia á cena com uma indiferença verdadeiramente estranha.

Todos recuaram. O negro parecia alheio a tudo aquilo.

— Escravo! Então?! — gritou o tirano, espantado com a attitude de tão despresível creatura.

Mas antes que o desgraçado erguesse o alfange para executar a sentença, a velha arrancou do seio um punhal agudo e, sem que pudessem deter-lhe

(Continua na pag. 4)

(Continua na pag. 4)

(Continua na pag. 4)

MULHERES DE HONTEM E DE HOJE

(Continuação da pag. 1)

fábrica. Na casa, ela poderia ser ainda a inspiradora de poemas líricos de colorido eterno, para ler numa noite de luar pálido, a um recanto de salinha silenciosa; na oficina, ela inspirará, quando muito, uma sátira violenta, para ser lida pelo homem, com a coíera no coração e na alma, à luz do raio e ao arruído irritante dum aparelho de telefonia sem fios. A mulher da moda, com os seus acentos circunflexos ou as suas linhas curvas servindo de sobranceiras, com os cabelos cortados à mariola, os lábios pintados com açafrão e o rosto amarelado, já não é musa capaz de inspirar um lírico. E eis o que me penalisa. Ela sorriu.

— Romantismo, romantismo. Eu creio que a mulher, escolhendo uma carreira, não deixa, por isso, de desempenhar a missão para a qual nasceu: ser a esposa e a mãe. Pelo contrário, escolhendo uma profissão, ela mais facilmente poderá consorciar-se, porque mais facilmente auxiliará o homem num momento de dura adversidade. Em toda a parte ha medicas, advogadas, farmaceuticas, empregadas publicas, operárias, etc. E já alguma vez estas mulheres deixaram de representar o seu papel na vida familiar? Não, decerto. As suas profissões não as impedem de cumprir os seus deveres. E eis porque devem ser duplamente admiradas. Quanto á moda...

Calou-se, não por falta de argumentos, louvado Deus, que os tinha para pulverisar o mais pintado, mas por deferencia, por consideração especial para com... um homem!

— Olhe, «missa»! Sabe o que lhe digo? Viva a mulher! Que me importa que ela seja a languida inspiradora de poemas ou a vigorosa apologista da bola, do remo, da natção e do banho moderno nas praias claras? E' a mulher, que demónio! E' a... camarada e a mãe! E aqui estou eu como o poeta que diz:

*Seja o que fôr a mulher:
Anjo, demão, bicho, estrela,
Seja tudo o que quizer.
Eu quero viver com ela.*

O CRÉDITO

(continuação da pag. 1)

ficiar do crédito, que não só lhes é concedido pelos seus accionistas como também pelos seus depositantes.

Como se vê, caíram a um e um os preconceitos que antigamente se antepunham á venda a prestações; e o crédito é hoje considerado, por assim dizer, como a base de todas as transacções comerciais e como elemento indispensável a uma maior facilidade da vida.

É FORJANDO ..

que se cria
um nome. A

Fabrica
Portugal

tem feito esta
experiencia.
Os modelos de
fogões de gaz
munidos dos
ultimos aper-
feiçoamentos
são economi-
cos, simples
e sólidos.

Demonstrações
todos os dias nos
salões da

Fabrica Portugal

e dos C. A. A.



Fabrica Portugal

Regueirão dos Anjos

Rua Febo Moniz, 2-2.º
Praça dos Restauradores, 49-59

Rua da Graça, 82-84
Avenida da Republica

Visado pela Comissão
de Censura

A ELECTRICIDADE SERVIR-NOS-HA EM TODA A PARTE E EM TUDO
PARA CHEGARMOS A VELHOS, SAIBAMOS VIVER MELHOR.
O GAZ AJUDAR-VOS-HA A ATINGIR ESTE OBJECTIVO.

LOJA SOL

RUA DA ASSUNÇÃO, 82

A CASA QUE MELHOR E MAIS BARATO VENDE:

ESQUENTADORES, FOGÕES, FOGAREIROS,
MANGAS E MAIS ACESSÓRIOS DE GAZ,
CANDIEIROS, LAMPADAS ELECTRICAS,
FERROS DE ENGOMAR, RADIADORES, ETC.

INSTALAÇÕES DE GAZ E DE ELECTRICIDADE

FAZEM-SE ORÇAMENTOS GRATIS

VENDAS A PRESTAÇÕES

ALGUNS APARELHOS ELECTRICOS...

QUE LHE OFERECE, PARA SEU CONFORTO DOMESTICO, A

SOCIEDADE IBÉRICA DE CONSTRUÇÕES ELECTRICAS, L.^{DA}
S. I. C. E.

O SECADOR DE CABELO
O FERRO DE ENGOMAR
O AQUECEDOR DE BANHO

A MAQUINA DE LAVAR
O REFRIGERADOR

O APARELHO DE TELEFONIA «R. C. A.»

ALS-THOM

«GENERAL ELECTRIC»

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º
LISBOA

TELEGRAMS "SICCECTRA"
PHONE 2 5347